

# CINEMA EM SALA DE AULA

## identificação e projeção no ensino/ aprendizagem da Língua Inglesa

*Alda Regina de Araujo*<sup>1</sup>  
*Rita de Cássia Ribeiro Voss*<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo reflete sobre o cinema como estratégia de ensino e aprendizagem por favorecer a emergência e a consolidação da compreensão da Língua Inglesa (LI). Identifica e esclarece o processo de identificação/projeção que envolve a relação espectador/personagem nos processos cognitivos que possibilitam construir imagens mentais abstraídas da realidade. Como base de tais processos, considera os valores que emergem da experiência sensível, o universo de saberes não formais, que funcionam como acionadores cognitivos da aprendizagem. Por fim, o artigo reflete sobre os temas transversais, bem como sugere estratégias pedagógicas para a sua abordagem, como acionadores da cognição.

**Palavras-chave:** Cinema. Cognição. Língua Inglesa. Plano de aula.

### ABSTRACT

The article reflects on the cinema as a strategy of teaching and learning by promoting the emergence and consolidation of understanding of English Language. Identifies and clarifies the process of identification/projection which involves the relation spectator/character in the cognitive processes which enables the subject to build the mental images abstracted from the reality. As the basis of such processes, it considers the values, which emerge from the sensitive experience, from the universe of non-formal learning, which work as learning cognitive activators. The article reflects on the transversal themes as well as suggests the pedagogical strategies for its approach as cognitive activators.

**Keywords:** Cinema. Cognition. English language. Class planning.

---

1 Professora de Inglês. Mestranda em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação pela Universidade Brás Cubas (UBC). *E-mail:* alda-araujo@bol.com.br

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora no Programa de Mestrado em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação da UBC. Pós-Doutoranda pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Coordenadora do grupo de pesquisa Educom – Educação e Complexidade. *E-mail:* riberita@gmail.com

## Cinema e educação

Conhecer uma Língua Estrangeira (LE) no mundo contemporâneo significa possuir uma habilidade complementar para exercer uma profissão, para atender à necessidade de uma comunicação básica em outro idioma, em caso de viagem, ou ainda para ter acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), aos computadores e à internet. Embora tais benefícios sejam reais, em termos de ensino e aprendizagem, é necessário refletir sobre o conhecimento de uma língua em outros domínios da vida humana. Nesse sentido, é raro encontrarmos uma literatura pedagógica com a preocupação educacional de associar a aquisição de um idioma ao aprendizado de valores humanos. Aprender um idioma é captar a própria expressão da dinâmica viva de uma cultura, cujos valores ganham vida em pessoas reais que interagem em sociedade. Assim, essa dimensão do aprender impõe ao professor e à sua prática docente uma reflexão sobre estratégias de ensino e aprendizagem que favoreçam a consolidação dos vocábulos e da estrutura gramatical no domínio da experiência do aluno, do seu cotidiano.

Acreditamos que a compreensão de uma LE emerge, principalmente, da identificação do aluno com as experiências humanas, com seus desafios e problemas cotidianos, dos sentimentos e das afeições universais, que envolvem valores éticos e morais. Por isso, utilizamos o cinema em sala de aula como uma estratégia que, ao simular a realidade, favorece o processo de identificação/projeção da experiência para acionar e possibilitar os processos cognitivos que envolvem a aprendizagem, consolidando os conteúdos estruturais e semânticos da LE.

Para sugerirmos uma estratégia pedagógica às atividades de cinema em sala de aula, é necessária uma discussão anterior sobre o papel educativo do cinema e de seus temas. O papel tradicional da escola é ensinar, isto é, fazer a mediação entre o conhecimento construído socialmente e o sujeito. Também faz parte de suas funções preparar o aluno para a cidadania e o convívio social, incentivando-o a participar da discussão de temas que envolvem a relação do indivíduo, nos sentidos ético e moral, com o seu sistema de valores.

Tais temas, que no passado compunham a grade curricular da escola como saberes acessórios, são hoje de domínio coletivo, e seu interesse é despertado pela mídia de comunicação de massa, como a televisão. O desenvolvimento das TICs democratizou tais questões devido ao seu poder de ampliar o raio de influência de uma mensagem. Isso pode ser observado desde a origem do ci-

nema, que foi claramente utilizado para educar e, de uma maneira ou de outra, procurou guiar ou esclarecer as massas, seja para manipulá-las politicamente, como no caso do Nazismo e do Stalinismo, seja para informar e dar publicidade a acontecimentos históricos e a pesquisas científicas como fazem os documentários.

Essa função educativa também é encontrada na ficção cinematográfica. O *Encouraçado Potemkin*, de Sergei Eisenstein, produzido na URSS, em 1925, para comemorar os 20 anos dos acontecimentos de 1905 que levaram à Revolução Russa em 1917, teve a intenção de formar uma consciência revolucionária. A trama denuncia o caráter opressor do regime czarista, que levou marinheiros a se rebelarem no navio que levava o nome do filme, detonando outras revoltas na Rússia. Por analogia, a exibição do filme, no período comunista, retoma aqueles fatos denunciando toda forma de opressão, como a dominação capitalista contra a qual o regime lutaria até a sua queda. Mas a intenção pedagógica do filme encobre, na verdade, seu caráter ideológico de dominação por meio da propaganda política, ainda que o regime pretendesse desvelar as reais tramas por trás do poder das classes dominantes.

No Brasil, os filmes de Glauber Rocha, na década de 60, também objetivavam revelar aspectos da realidade encobertos pela ideologia que, revelados pelo cinema, explicitariam as relações entre sociedade civil e poder nas tramas da vida social e política do País sob a ideologia do coronelismo. Nesse caso, o diretor evidenciou e coloriu, com vigor, o caráter opressor das elites brasileiras na época da ditadura militar. Trata-se de uma tentativa de conscientizar as massas, ao creditar ao cinema um poder desvelador da realidade.

O caráter educativo do cinema associa-se à crença de que a técnica detém a verdadeira expressão da realidade, porque o que está na tela parece reproduzir as características do mundo, o que se vê no cotidiano. Como notou Yakhini, “a relação entre discurso cinematográfico e realidade foi, e continua sendo, uma das grandes discussões entre as diferentes posturas estético-ideológicas desde o seu surgimento”. (2001, p. 17). Isso decorre do fato polêmico de que há uma relação entre mundo imaginário e sua representação como continuidade espacial e temporal da realidade, porque, segundo a mesma autora, “o movimento de câmera reforça a impressão de que há um mundo do lado de lá, independente da câmera, em continuidade ao espaço da imagem percebida”. (p. 17). Essa “impressão de realidade” é a imagem típica do cinema, construída como se fosse um documento fiel da realidade; o que se vê de maneira trivial é retomado pelo cinema

como centro de interesse artístico. É dessa forma que o cinema-documentário se consolidou: com a afinidade que tem com a realidade, como sua cópia fidedigna. Experiência e percepção da realidade estão no cinema, portanto, como que amalgamadas desde sua origem com os Irmãos Lumière, em 1885.

Essa impressão de realidade, o imaginário reproduzido na tela, pode ser explicada em termos psicológicos e cognitivos se atentarmos à relação implícita do cinema, como obra estética, com o espectador. Esse último é o elo da obra cinematográfica; do seu criador com o mundo. É na maneira como o espectador percebe a obra, isto é, como opera cognitivamente para apreendê-la na mente, que repousa a importância do cinema para a formação do sujeito. Morin (1997), ao estudar os mecanismos da cognição humana, com os quais o homem abstrai a realidade para representá-la no pensamento, identifica um processo psicológico de projeção/identificação na relação que o espectador estabelece com as imagens cinematográficas.

A linguagem cinematográfica é exemplar para demonstrar como o processo cognitivo acontece, especialmente para a relação ensino e aprendizagem em sala de aula. Esse processo é a base para um conhecimento que reconhece no outro um compartilhar de sentimentos, afetos, emoções, necessidades vitais, etc., dado justamente o *realismo* imaginário, que institui a linguagem cinematográfica. É por isso que o cinema, por manipular psicologicamente o espectador, provoca tais processos e pode se constituir, pedagogicamente, em um acionador cognitivo, para consolidar, gramatical e semanticamente, o aprendizado de um idioma que extrapola a mera memorização de palavras e expressões linguísticas. À estrutura gramatical se agrega uma compreensão encarnada, possibilitada pela identificação do espectador com os valores dos personagens.

Em razão do processo de projeção/identificação, o aluno é capaz de reconhecer, na tela, na contextualização dos diálogos em cenas que imitam a realidade, a própria experiência pessoal, o que torna possível a compreensão num nível muito além dos aspectos estruturais da língua. Isto é, de forma pragmática, o aluno aprende como agir em contextos parecidos, e que cada escolha envolve valores. Nesse sentido, Morin caracteriza o cinema como “um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme” e “o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador”. (1997, p. 161). As considerações do autor, nota Yakhini, decorrem das semelhanças entre as imagens cinematográficas e as mentais, isto é, a questão projeção/identificação dentro da linguagem cinematográfica e mais tarde da televisiva. (2001, p. 36).

O processo de projeção/identificação está implícito na relação ficção/realidade da obra cinematográfica, tema já abordado pelo próprio cinema. O filme de Woody Allen: “A rosa púrpura do Cairo”, produzido em 1985, mostra a fusão de realidade e fantasia no imaginário do espectador. O filme se passa durante a grande depressão da década de 30, depois da crise da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Cecília, personagem vivida por Mia Farrow, para escapar da dura realidade de ter um marido alcoólatra e desempregado, vai ao cinema todos os dias assistir ao mesmo filme. De repente, os personagens passam a interagir com a espectadora, e o protagonista, Tom Baxter, encenado por Jeff Daniels, sai da tela e se apaixona por ela. Essa dinâmica realidade/fantasia funciona como um meio para que Cecília compreenda o seu próprio escapismo e baixa autoestima acionados pelas circunstâncias difíceis de sua vida. O filme revela o que Morin constatou sobre a importância do imaginário para a cognição, para o conhecimento da condição humana e para o autoconhecimento.

Essas reflexões, associadas à experiência da nossa prática docente em sala de aula, nos conduziram a pensar em estratégias para o ensino e aprendizagem de LE, especificamente da LI, de forma que o processo projeção/identificação seja um acionador cognitivo, ao associar imaginário, experiência e valores. Visto por esse ângulo, o objetivo do artigo é refletir sobre a utilização da linguagem audiovisual, o filme, na formação do sujeito e sugerir um planejamento criterioso das exposições em sala de aula, considerando os pressupostos educacionais, que sustentam a atividade, a forma e a abordagem do conteúdo.

## Cinema educativo e processos cognitivos

A introdução do cinema educativo no Brasil remonta à década de 20 e se confunde com as atividades do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince), fundado em 1936. Segundo Franco, a história desse instituto demonstra a dificuldade de utilização das mídias como instrumento pedagógico. O levantamento da produção de filmes educativos produzidos pelo Ince até suas atividades finais, revelou que o instituto não tinha uma preocupação pedagógica. Segundo a autora, havia de tudo: música, medicina, geografia, documentação científica, menos uma uniformidade didática, uma linha pedagógica (2004, p. 31) para o tratamento de áreas e temas do conhecimento tão diversificados.

Embora tais dificuldades possam ser verificadas ainda hoje, Franco constata que a compreensão do uso da mídia como instrumento pedagógico mudou. Hoje, ela

é parte de nosso cotidiano e, por isso, a escola não precisa criar condições artificiais no estrito contexto dos mecanismos formais de ensino e aprendizagem, produzindo e trabalhando os chamados “audiovisuais educativos”. (2004, p. 34). Essa realidade, segundo a autora, nos obriga a interpretações e releituras das mídias existentes. Nesse sentido, diz ela, qualquer audiovisual é passível de ser usado pedagogicamente. Uma atividade escolar com audiovisual implica dar-lhe um sentido pedagógico. Depende de uma didática, de um esforço para que o uso da mídia na escola tenha uma intenção, o que a diferencia do mero entretenimento.

Em vista disso, precisamos abordar, ainda que brevemente, o uso das tecnologias como ferramentas educacionais. Algumas pesquisas mostram dois níveis diferentes de dificuldade dos professores em utilizá-las. (ALVES, 2008). O primeiro diz respeito às dificuldades técnicas, ao manuseio das tecnologias à disposição dos docentes como os aparelhos de mídia. Nesse sentido, um treinamento adequado dentro ou fora da escola pode resolver. A preocupação de nossa pesquisa se encontra no segundo nível de dificuldade: na utilização das tecnologias em termos de ganho cognitivo dos alunos e, nesse sentido, é preciso utilizá-las de forma didaticamente adequada para conseguir um resultado pedagógico.

A importância dos procedimentos metodológicos, aqui apresentados, reside em mostrar como uma atividade audiovisual pode, se for bem-planejada, contemplar aspectos estruturais da LI, que, associados a aspectos valorativos, acionam o processo cognitivo pela identificação/projeção do aluno com a situação imaginária que o filme retrata. Há, também, nesse esforço em construir tal estratégia didática, uma contribuição de fato para o processo de formação docente na construção de conceitos que ampliem a compreensão e a importância da utilização das tecnologias disponíveis como acionadores cognitivos para a compreensão de uma LE.

Quando analisamos e selecionamos um produto audiovisual, precisamos saber o que pretendemos com seu uso em sala de aula e delimitar os objetivos, ao estabelecer até que ponto a escolha de um determinado filme consegue atendê-los. Além disso, deve haver uma ligação que adapte o tema às orientações específicas de caráter teórico-metodológico.

Mas antes de respondermos às questões sobre a dinâmica das aulas com exibição de filmes, que virão mais adiante, precisamos considerar a seleção dos títulos e os temas nele tratados, o espaço físico da escola destinado à sua exi-

bição e o tempo para a atividade. Esses aspectos formais informam o conteúdo e seu tratamento. Portanto, forma e conteúdo são aspectos complementares da programação da aula e, de maneira geral, de toda atividade pedagógica.

Num nível mais pragmático, a preparação das aulas tem como pressuposto fundamental para o sucesso da atividade que o professor conheça seus alunos. O universo de valores dos alunos pode ser identificado quando o docente presta atenção aos comentários acerca de seus gostos, estilos de vida e ao que eles assistem na TV e no cinema. Assim, o professor pode saber qual é o tipo de filme, enredo e personagem com os quais os seus alunos podem se identificar.

A primeira atenção na seleção do filme é com relação ao nível de conhecimento de Inglês dos alunos, isto é, se os diálogos apresentam um vocabulário novo e se contemplam os aspectos estruturais da língua já estudados. Também é importante avaliar se o filme irá motivar os alunos, despertar sua curiosidade e interesse, se poderão se identificar com os personagens e sua vida.

É preciso especial atenção aos temas abordados. O recurso cinematográfico é um acionador cognitivo, e sua escolha não pode ser aleatória. Ao contrário, deve atender às necessidades pedagógicas e aos interesses dos alunos.

Os temas transversais como direitos humanos, cidadania, meio ambiente, saúde, sexualidade, presentes no filme, ao favorecer o processo de projeção/identificação na relação espectador/espetáculo, isto é, os processos psicoafetivos de projeção/identificação (MORIN, 1989, p. xi), possibilitam ao aluno reconhecer na tela seus problemas cotidianos.

Essa estratégia objetiva a compreensão e a consolidação da língua, não apenas de seus aspectos estruturais, como também a incorporação de palavras que se reportam a situações conhecidas pelo aluno. Após a exibição do filme, com a discussão dos temas transversais, ele será capaz de reconhecer os vocábulos referentes ao sistema de valores com os quais ele se identifica.

É preciso, então, privilegiar os enredos que tragam, de alguma forma, temas que rondam o cotidiano do aluno, o que não implica um fechamento cultural. Ao contrário, a língua evoca uma cultura de origem, outros lugares, outros povos, outros costumes. É nesse momento que se dá a aprendizagem de novas línguas. Por isso, a escolha recai mais sobre temas universais.

Se o tema do filme não disser respeito à experiência pessoal imediata de todos os alunos, é preciso identificar a dimensão em que ele pode ser explorado. O processo de projeção/identificação acontece, de fato, quando uma pessoa se coloca no lugar da outra, quando realiza, segundo Morin, “uma abertura subjetiva (simpática) em relação ao outro”. (2002, p. 101). Por exemplo, o consumo de drogas pode não ser generalizado numa comunidade escolar, mas o tema envolve problemas para a sociedade. Os alunos são capazes de se identificar com o drama, sofrer com o personagem usuário de drogas como se fossem eles próprios, pois o sofrimento e as alegrias no filme representados dizem respeito à condição humana.

Quanto à organização espaço-temporal da aula, é preciso considerar o número de alunos na atividade, bem como o tempo de exibição. É preciso saber das condições e dos recursos materiais: se a escola possui aparelhos audiovisuais que às vezes estão trancados em salas de projeção para que não sejam danificados. Por isso, muitos desses recursos, além de defasados, não funcionam. Em razão disso, há que se decidir de que modo é possível desenvolver a atividade. Muitos professores e alunos acabam optando pela utilização de recursos pessoais.

Outra averiguação importante é com relação ao tempo. A exibição de um filme não pode se restringir ao entretenimento; não faria sentido utilizar a escola para esse fim. A atividade deve ser programada em blocos de três aulas para garantir a exibição, a discussão dos temas e os exercícios gramaticais.

Na seleção do filme, também é preciso considerar um outro nível de reflexão quanto à dimensão ideológica. Freire e Guimarães, ao abordar a mídia televisiva, consideraram que a televisão não pode ser compreendida em si. Ela não é um instrumento puramente técnico, seu uso é político. (1984, p. 24). O mesmo podemos dizer sobre a exibição de filmes em sala de aula. A escolha deve levar em consideração que tipo de valores o professor quer transmitir. Ainda que o cinema e o vídeo possam contar uma história sem a intervenção ou mediação de uma pessoa, esses meios utilizados em sala de aula necessitam do professor para mediar a leitura de valores.

Por fim, antes da exibição, é importante identificar e descrever todos os aspectos envolvidos no material fílmico: a ficha técnica, o ano de produção, a direção e o elenco, que podem ser sugeridos como atividade de pesquisa para os alunos.

## Experiência, valores, conhecimento

No sentido de atender à necessidade de planejar a dinâmica da aula, sem, no entanto, pretender propor uma receita, apresentamos algumas questões circunstanciadas pela experiência de uma das pesquisadoras na utilização do recurso audiovisual em sala de aula e pelas reflexões teóricas inicialmente abordadas. São elas: O que discutir com relação ao enredo e aos personagens do filme? Como levar os alunos a uma leitura crítica das mensagens?

Tais questões levam, como qualquer outra atividade pedagógica, a um planejamento criterioso da dinâmica que se quer imprimir na sala de aula. Sabemos que o filme, o vídeo e a televisão, por si, não garantem uma aprendizagem significativa. Como outras tecnologias, a mídia é uma ferramenta que precisa ser dirigida por princípios pedagógicos no sentido de arrancar, de dentro para fora, valores para a vida, como nos orienta Munduruku (2005), além, é claro, de aprender uma língua mobilizando estados subjetivos que acionam a compreensão. Por isso, a presença do professor é indispensável. É ele quem provoca a discussão, sugerindo os temas transversais presentes no filme.

Mais uma vez, é Franco quem diz que o professor “é um consumidor audiovisual contemporâneo, um espectador especializado, capaz de saciar a curiosidade do aluno em termos das mitologias em relação às mídias”. (2004, p. 34). E acrescentamos a isso: tem a capacidade de reconhecer os elementos conotativos da mensagem veiculada nos filmes, os quais podem ser trabalhados no sentido de pincelar com mais força os valores positivos da vida, como ressalta Almeida (2000) quanto ao papel contemporâneo dos professores “na transformação da natureza psíquica, ao assumir o compromisso ético de carregar mais o pincel nas tonalidades que operam uma ética do pensamento afinada com o diálogo e a convivialidade”. (p. 16).

Também é preciso construir uma ponte entre o saber da experiência, o que provém da vida, do cotidiano, e o científico adquirido na escola, o que Makiguchi (2004) chamou, respectivamente, “conhecimento de primeira e de segunda mãos”. Por trazer a experiência para o contexto da aula e de esclarecê-la em termos científicos, é preciso promover uma discussão depois da exibição do filme, com a intenção de incentivar o uso do vocabulário acionado pelos sentimentos e pelas emoções que emergem do enredo e de seus personagens.

As concepções chamadas “do senso comum” têm um valor importante no ensino de línguas, porque dizem respeito à experiência vivida cotidianamente pelo

aluno. O olhar da ciência pode servir de base para resolver problemas da vida, como a Biologia ajuda a compreender os efeitos do uso de drogas no corpo humano, por exemplo.

Morin (2001) chamou tal conhecimento “saber pertinente”. É a relação com o contexto que favorece a formação de um sujeito autônomo, de um cidadão crítico e ético, um dos objetivos gerais da educação. O cinema possibilita uma leitura crítica do mundo, do conhecimento popular, do conhecimento científico e da própria mídia. No sentido ainda mais amplo, o cinema denuncia demandas sociais, políticas, econômicas, ambientais, que precisam ser atendidas no mundo contemporâneo, estabelecendo a ligação dos aspectos locais aos globais do conhecimento, também contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Um tema pode, ainda, ser relacionado a outros conteúdos curriculares, pode ter um caráter interdisciplinar, abrir fronteiras, constituindo-se em objeto de interesse de várias áreas do saber, como o uso de drogas entre os adolescentes para a Medicina, a Psicologia, o Direito, a Ética, a Arte, etc. Trata-se de uma perspectiva pedagógica aberta às problemáticas da vida e do mundo, a qual estimula a discussão sobre os valores humanos e consolida a apreensão do vocabulário de um idioma.

Em termos de conhecimento, quando compreendemos os processos cognitivos envolvidos na cognição humana e mobilizamos os recursos pedagógicos para utilizar o cinema como acionador de aspectos psicossociais importantes, entendemos a aprendizagem num sentido mais abrangente. Trata-se de uma compreensão híbrida que associa conhecimento científico a saberes que advêm da experiência. Com bem notou Vygotski (2008), ao relacionar o desenvolvimento da criança à aprendizagem com base em estudo comparativo entre conceitos científicos e cotidianos com crianças em idade escolar “o aprendizado não se inicia na escola” (p. 145); acontece na dinâmica da vida cotidiana e de seus conceitos espontâneos. É, pois, importante a interação dos valores da experiência ao universo escolar para que a cognição realize operações de forma plena. Nesse sentido, o cinema é um meio que aciona os estados subjetivos de projeção/identificação ao atualizar, no filme, os valores da experiência dos alunos.

Ao fundamentarmos as estratégias pedagógicas nas atividades com filme em sala de aula, com uma concepção sistêmica de educação, que enlaça ciência, valores e experiência, reconhecemos que há, fora da escola, saberes importantes para a vida. Em conformidade com o que entendemos sobre as bases da compreensão humana, podemos organizar os instrumentos necessários de

ensino e aprendizagem para concretizar o mais alto objetivo da educação: a realização dos alunos, como sujeitos do conhecimento, com base na criação de valores humanos.

## Considerações finais

Trabalhamos os filmes como acionadores cognitivos por mobilizarem os sentimentos do aluno, identificado com o enredo, as tramas e os personagens. O sucesso dessa estratégia depende do quanto os alunos apreendem os aspectos estruturais e semânticos da língua e de quanto o filme é capaz de realizar o processo de identificação/projeção do aluno com o personagem e seus valores. Se assim acontecer, o aluno revelará uma capacidade crítica quanto aos temas transversais implícitos no filme e, ao mesmo tempo, perceberá que enriqueceu seu vocabulário.

Os procedimentos teórico-metodológicos, envolvidos no processo de escolha, exibição e discussão da atividade, consolidam o que antes era uma exposição abstrata da língua. Isto é, o que o aluno aprendeu nas aulas convencionais de Inglês, sem o recurso da mídia, adquire vida, uma vez que ele percebe que a língua refere-se a valores culturais, a desafios do cotidiano, que também permeiam o enredo e a vida dos personagens do filme escolhido.

As estratégias de ensino que animam as dinâmicas das atividades de cinema em sala de aula estão em constante movimento, pois dependem do contexto, das pessoas envolvidas, de seus valores e de seu cotidiano. Mas o cinema é, sobretudo, uma passarela que une aspectos teóricos e prática docente ao universo valorativo dos alunos. Seus temas estão sempre abertos ao teste de sua adequação à realidade e às demandas do tempo em matéria de educação. Daí o seu caráter de inacabamento e de abertura para outras experimentações.

## Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. A complexidade do amor. *Revista de Comunicação Universitária*, v. 1, n. 3, p. 14-19, 2000.

ALVES, Maria Cristina. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), os novos contextos de ensino-aprendizagem e a identidade profissional dos professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 89, n. 221, p. 30-46, jan./abr. 2008.

A ROSA PÚRPURA DO CAIRO (filme). Direção de Woody Allen, 1985, 35mm.

FRANCO, Marília. Você sabe o que foi o INCE? In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume; Ed. da USP, 2004.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Sobre educação: diálogos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 11.

MAKIGUCHI, Tsunessaburo. *Educação para uma vida criativa: idéias e propostas de Tsunessaburo Makiguchi*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa: Grande Plano, 1997.

\_\_\_\_\_. *A cabeça bem-feita: repensar e reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.

\_\_\_\_\_. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. *Sobre piolhos e outros afagos*. São Paulo: Palavra de Índio, 2005.

O ENCOURAÇADO POTEMKIN (filme). Direção de Sergei Einseinstein, 1925, 35mm.

VYGOTSKI, Liev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: M. Fontes, 2008.

YAKHNI, Sarah. *Eu e o outro no filme documentário: uma possibilidade de encontro*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2001.